



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após cerimônia de entrega de credenciais aos embaixadores não residentes

Palácio Itamaraty, 05 de maio de 2010

Jornalista: Presidente, o que o senhor achou da decisão da Câmara, ontem, de ter votado um reajuste superior ao que o senhor e o governo tinham pensado para os aposentados?

Presidente: Veja, eu vou repetir o que eu já disse ao povo brasileiro: nós tínhamos um acordo com as centrais sindicais. O acordo foi para o Congresso Nacional. O Congresso Nacional, ontem, entendeu que deveria votar algo diferente do acordo que nós tínhamos firmado com os dirigentes sindicais. Agora vai para o Senado. A mim, só cabe esperar a decisão final do Senado para que eu possa analisar os impactos disso na economia brasileira e na Previdência Social e tomar a decisão. Eu acho que é assim que o Presidente deve se comportar. O Senado cumpriu... A Câmara cumpriu o seu papel, o Senado vai cumprir o seu papel, e depois o Presidente da República cumprirá o seu papel.

Jornalista: Qual o valor real do impacto, Presidente?

Presidente: Eu não tenho, eu não tenho... Eu cheguei ontem às 3h da manhã. Eu não estudei o impacto ainda, mas obviamente que eu tenho esta semana para discutir com o ministro Guido e nós vamos tentar ver, porque tudo o que nós queremos fazer é melhorar a vida do povo trabalhador deste país. Agora, só é possível melhorar a vida do povo se houver compatibilidade entre a necessidade do reajuste e a receita que nós temos. De forma que, com muita



tranquilidade, eu vou conversar com o Ministro da Fazenda, mas tudo só depois que o Senado tomar a decisão final. Eu não sei se o Senado toma a decisão, não sei se volta para a Câmara. Portanto, a hora é de aguardar o Congresso Nacional, que tem autonomia, cumprir a sua parte.

Jornalista: Presidente, (incompreensível)

Presidente: Não, vamos esperar, vamos esperar chegar às minhas mãos. Um bom juiz, ele só se manifesta nos autos do processo. Então, deixa o processo chegar à minha mão, que eu vou, então, tomar a decisão.

Jornalista: Presidente, (incompreensível)

Presidente: Não, aí fica por conta da interpretação de cada um de vocês, fica por conta da interpretação de cada um de vocês. Eu acho, e quero dizer para vocês, que não vejo nenhuma necessidade para, nesse momento excepcional que o Brasil está vivendo, a gente fazer qualquer espécie de loucura, em qualquer área, para que a gente atrapalhe um novo ciclo de desenvolvimento do país. O Brasil levou muitos anos para chegar onde chegou. É um momento, eu diria, virtuoso, é um momento excepcional, em que as contas estão acertadas, o crescimento está acontecendo, e obviamente que a gente não pode permitir que qualquer coisa – seja a Previdência, seja a política de juros, seja qualquer coisa, seja a inflação – venha a causar qualquer impossibilidade de o Brasil continuar nesse momento excepcional que nós estamos vivendo. Vocês, eu e o povo brasileiro sabemos o que nós passamos para chegar a esse momento excepcional que estamos vivendo e nós não podemos jogá-lo fora. É só isso.

Jornalista: O senhor falou do Senado, o senhor falou do Senado



(incompreensível).

Jornalista: Mas esse percentual de 7,7 é uma loucura, Presidente, então? Esse percentual de 7,7 é uma loucura?

Presidente: Não. Veja, é o percentual que a Câmara entendeu que era o correto, e se a Câmara entendeu, eu não posso considerar loucura. Eu posso entender que os deputados têm tanta vontade de acertar, tanta vontade de fazer as coisas boas para o país como eu. É uma questão de visão econômica, que nós vamos ou consertar ou manter do jeito que está depois que for aprovada no Senado.

Jornalista: Então, mas o senhor falou do Senado. O Sarney já disse hoje que eles têm muito apreço pelos aposentados e que, dificilmente, vão mudar esse índice em ano eleitoral, Presidente.

Presidente: Não. Todo mundo tem apreço pelos aposentados, e no ano eleitoral aumenta o apreço, de forma extraordinária. Eu não acredito que tenha, dentro do território brasileiro ou no mundo, alguém que tenha mais compromisso com os trabalhadores do que eu, não acredito. Entretanto, o que nós temos que respeitar é que o Congresso Nacional tem a sua autonomia, o Poder Executivo tem a sua autonomia, e somente quando o processo tramitar nas duas Casas, que houver um resultado final, é que cabe, então, ao Presidente da República poder tomar uma decisão. Enquanto isso, vamos esperar que o Congresso trabalhe da forma melhor possível.

Jornalista: O Romeu Tuma Júnior pode ser demitido, Presidente, por causa dessas denúncias que estão...



Presidente: Olha, veja, eu vi informações hoje sobre o delegado Romeu Tuma. Veja, primeiro tem que esperar a investigação. Primeiro tem que esperar a investigação. Todo mundo sabe que o delegado Tuma Filho [Júnior] é um delegado muito experimentado na polícia brasileira, na polícia de São Paulo, é um homem que tem uma folha de serviços prestados a este país. Se há uma denúncia contra ele, a única coisa que nós temos que fazer, antes de precipitar decisões, é investigar da forma mais democrática possível, dando a ele a oportunidade de defender-se. É isso que nós temos que fazer.

Jornalista: (incompreensível)

Presidente: Não, veja, eu não sei porque aí a decisão é do Ministro da Justiça, que deve conversar com ele hoje ou já deve ter conversado. Mas aí é um problema no âmbito do Ministério da Justiça.

Jornalista: O senhor conversou com o Ministro da Justiça?

Presidente: Não, eu cheguei às 3h da manhã. Não foi possível.

Jornalista: O Presidente do Irã disse hoje que poderia aceitar uma proposta do Brasil – apesar de o Brasil não ter feito uma proposta exatamente – da questão do urânio enriquecido. O Brasil acha que isso é um avanço, que pode ajudar a desatar esse nó aí?

Presidente: Olha, o avanço que o Brasil quer conseguir nessa minha viagem ao Irã e nessas conversas que temos feito com o Irã, na conversa que eu tive com a China, com a Rússia, com a Índia, com a África do Sul, com os Estados Unidos, com a França, é de garantir que haja paz no mundo, é de garantir que haja uma política de desarmamento efetiva no mundo, com relação a armas



nucleares. Ora, se houver possibilidade de construir junto com a Agência, junto com os países que participam do Conselho de Segurança e junto com o Irã uma proposta que seja aceita pelos dois lados, seria tudo que o mundo precisa, porque o mundo precisa de paz para se desenvolver, para crescer economicamente e para melhorar a vida do povo. Nada melhor do que a paz. O Brasil está empenhado nisso, o Brasil está empenhado – não apenas o Brasil, o Brasil tem trabalhado junto com a Turquia nisso. Eu tenho conversado com os principais líderes do mundo a esse respeito, e eu espero que a gente consiga.

Você sabe... O que eu tenho dito? O que eu desejo para o Irã é o que eu desejo para o Brasil. Primeiro, nós somos, pela Constituição brasileira, proibidos de fabricar armas nucleares. Portanto, o Brasil é um país que tem autoridade moral e política de lutar contra o desarmamento e de ser contra armas nucleares. Segundo, nós defendemos o direito de produção de energia e de produção de remédios. Portanto, o que nós queremos para o Irã é o que nós queremos para nós, é o que nós queremos para o mundo, na expectativa de que os países que já têm as bombas nucleares comecem a ir desativando, porque esse negócio, também, de ficar pedindo sem desmontar o seu arsenal, vão perdendo autoridade moral, ou seja: “Faça o que eu mando, mas não faça o que eu faço”. Isso a gente aprende desde pequeno. Então, é fazer o que eu mando e fazer o que eu faço. Todo mundo tem que fazer a mesma coisa. Desarmamento, eu diria, tem que ser total e absoluto e nós temos que caminhar para isso. E se o Brasil puder dar uma contribuição, podem ficar certos de que nós vamos dar. Por isso, eu estou muito otimista de ir ao Irã, estou muito otimista de ir ao Irã e tentar conversar com o presidente Ahmadinejad e com outros líderes [sobre] a melhor saída, porque nós queremos paz. Uma guerra, a gente sabe que ela tem dia para começar, mas não tem tempo para terminar, e a paz é eterna.



Jornalista: Em relação ao PMDB, o senhor falou alguma coisa? Que ontem...

Presidente: Não, eu cheguei às 3h da manhã, não falei nada com ninguém, meu amor.

Jornalista: É porque... a ministra Dilma está uma candidata pesada? Porque ela está tendo algumas dificuldades...

Presidente: Ela pesa menos que o adversário dela, pelo menos uns 15 quilos a menos.

Jornalista: Politicamente também?

(\$31EGJLP)